

Hatherly que encimam o prefácio. Na incerta fronteira que separa o trabalho do pintor do trabalho do poeta (coincidentes, como propõe Hatherly, ou inconfundíveis, como afirma O'Hara) desenha-se o espaço estético que é ocupado pelo desígnio e pelo protocolo que regem a antologia: servir de mapa para um excuro, tão leve quanto representativo, pelos caminhos feitos pela poesia portuguesa dos séculos XX e XXI a partir de e ao lado das artes plásticas. *Mutatis mutandis*, o volume de Joana Matos Frias encontra, noutra fértil campo dialógico, o da música e das artes plásticas, um objeto equivalente à proposta que faz ao leitor: na sua sugestão de movimento e deslocação pessoal pelo espaço imaginado de um museu de que a poesia fornece as coordenadas para uma experiência estética, a antologia parece arquitetada à imagem da célebre suite *Tableaux d'une exposition* de Modest Mussorgsky. Entre quadros escolhidos de uma exposição, separados entre si por momentos recorrentes de contemplação intitulados "Promenades", o visitante vagueia e reflete, pensa e dá a si mesmo o tempo de fruir e reagir às obras, problematizando-as e recriando-as como intérprete. Também a antologia de Joana Matos Frias, ao funcionar mais como roteiro do que como compilação, propõe uma leitura narrativa do seu conteúdo, ao sugerir um passeio por um museu multifacetado de poesia com artes plásticas, no qual nenhuma dimensão importante da sua criação, existência e receção é deixada

de fora.

A terminar, uma nota breve acerca de um aspeto prático que é de sublinhar no livro: os utilíssimos índices de poetas e de artistas plásticos que facultam ao leitor dados sobre a proveniência dos poemas e sobre a articulação entre os criadores literários e das artes plásticas, com os quais é possível aprofundar as linhas propostas pela antologista e fazer investidas mais amplas no universo literário de que este volume se constitui, justificadamente, como amostra não exaustiva, crítica e equilibrada.

Rui Manuel Afonso Mateus

O LUGAR DA TEORIA LITERÁRIA.

ANDRÉ CECHINEL (ORG.).

Florianópolis: EdUFSC; Criciúma:

Ediunesco, 2016.

439 páginas, ISBN 978-85-328-0752-6

O livro em apreço, publicado em 2016, sob a organização de André Cechinel, professor pesquisador da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Brasil, apresenta vinte ensaios, distribuídos por seis seções temáticas, a saber: "Fim da Teoria", "Estado da Teoria", "Lugares da Teoria", "Literatura pós-Teoria", "Poesia, corpo, psicanálise" e "Literatura e ensino". No conjunto, conforme observa o organizador em sua apresentação à obra, os ensaios têm como proposta debater sobre "(...) os impasses que pairam sobre a teoria literária e o lugar ocupado pela disciplina

hoje na universidade, mas também seu impacto sobre o ensino da literatura na escola” (p. 9).

Destaca-se a contribuição de três autores estrangeiros, Peter Barry, da Aberystwyth University; Jonathan Culler, da Cornell University; e Eduardo Subirats, da New York University, sendo os demais capítulos de autoria de estudiosos renomados vinculados a instituições de ensino superior brasileiras, evidenciando-se certa cartografia acadêmica em torno dos estudos sobre o tema que norteia a coletânea e que atenderam ao chamado para problematizarem “(...) o espaço ocupado pela teoria literária como disciplina acadêmica num momento dominado pelo discurso da suposta crise da teoria” (p. 9).

Das reflexões sobre “Teoria Literária”, “teoria” ou “Teoria” (considerando-se mesmo o uso de maiúscula na denominação), “pós-teoria”, a assinalar a tão propagada falência e declínio da área, os ensaios demonstram que trazer à tona as questões apresentadas evidenciam, desde já, não a morte, mas a permanência em campo dos estudos teóricos sobre literatura. O que, todavia, deve ser considerado é que, se, nas décadas de 1970 e 1980, ela figurava no seio das humanidades como personagem principal, ditando caminhos para a aplicação de análises literárias, o cenário do final do século XX e início do XXI, afeito às inúmeras transformações em todos os campos do saber, fez com ela se mantivesse em estado de coadjuvante, à espreita de se colocar em novo papel

de destaque. Tanto é que de seu protagonismo é que permanecem até o momento as suas mais relevantes correntes, como a do Desconstrucionismo, difundido pelos estudos não apenas de Derrida, mas também da Escola de Yale, com J. Hillis Miller e Geoffrey Hartman, Harold Bloom, Paul de Man, e que, de certo modo, abriu caminho para outras correntes, como a do neo-historicismo – porta aberta para os estudos culturais –, dentre algumas mais que se estabeleceram nas últimas décadas.

Desse modo, é comum localizarmos ao longo dos vinte ensaios a presença de muitas das correntes teóricas e seus propagadores que formaram gerações de pesquisadores no campo da crítica literária, como o Formalismo Russo, a Estética da Recepção, Estruturalismo e Pós-Estruturalismo, os estudos Marxistas, o Pós-Modernismo, os Estudos Culturais, a Nova Crítica, o Dialogismo Bakhtiniano, o Pós-Colonialismo, a Ecocrítica, os Estudos de Gênero, a Análise do Discurso e outras diversas. Do conjunto dessas referências reiteradas, pode-se inferir, valendo-se da afirmação da professora Eneida Maria de Souza, que “(...) a revisão dos lugares teóricos deveria obedecer aos critérios de simultaneidade temporal, sem levar em conta o início e o fim dos acontecimentos, embaralhando e anacronizando passado e futuro. Caem por terra reflexões atribuídas ao discurso do senso comum da crítica, tais como ‘a crise das teorias’, ‘o futuro das teorias’, ‘o fim das teorias’, ‘depois das teorias’, uma vez

que os saberes se desvinculam das ideias de início e fim, pela convivência constante com o sentido de *intervalo* e de *entre-lugar*” (pp. 222-3, grifo da autora).

É, então, na perspectiva deste intervalo e entre lugar que a pergunta sobre “o verdadeiro lugar da teoria literária na contemporaneidade” (p. 213) parece perder seu efeito, visto que o lugar por ela ocupado estaria justamente num “não lugar”, conforme Nabil Araújo nos provoca (p. 213), levando em conta o fato de já possuí-lo, sendo, então, necessário defendê-lo institucionalmente e não apenas identificá-lo. Um caminho de defesa seria, talvez, segundo ele se questiona, o de conciliar “(...) esse não lugar contemporâneo (...) com o tradicional lugar (...) em nossos cursos de Letras?” (p. 213). É possível que sim, o que de certo modo é abordado com vigor na última seção do livro, “Literatura e ensino”, na qual os textos “Há lugar para a teoria da literatura na sala de aula”, de Almir Aquino Corrêa (UEL), “A Teoria da Literatura nos bancos escolares”, de Regina Zilberman (UFRGS) e “O que fica do que passa: considerações sobre o estudo e o ensino da literatura”, de Paulo Franchetti (UNICAMP), problematizam o tema no espaço da Universidade.

Iniciando, pois, pelo fim, damos destaque a esta última seção, visto que o tema nos é caro, por tratar sobre o ensino da literatura e, naturalmente, o impacto da teoria literária na escola. Com arguta abordagem, Almir Correea preocupa-se em verificar a presença da

teoria literária nos cursos de graduação numa “(...) visitação ao profissional comum, aquele formado no contexto geral das faculdades de Letras no Brasil, (...) e a uma contextualização da pós-graduação brasileira” (p. 375). Tal reflexão sinaliza a importância de se pensar a teoria, por exemplo, como “instrumentalizadora da manutenção do cânone local, regional e/ou nacional (...) ou ocidental (...) e da potencialização de novas escritas e decisões de leitura” (pp. 374-5). Daí decorre a necessidade de pensar esta formação do profissional numa perspectiva crítica, que possa se desvincular de modelos e métodos acabados. Por sua vez, Regina Zilberman demonstra que a teoria literária chegou às salas de aula do ensino médio, derivadas dos documentos prescritivos, por meio das terminologias difundidas pela Análise do Discurso, na adoção das concepções que remontam às proposições de Bakhtin. Para ela, retomando Todorov, em *A literatura em perigo*, “o ensino da literatura foi engolido por vertentes da Teoria da Literatura e suas metodologias, estudadas em faculdades de Letras, e transferidas aos estudantes do secundário” (p. 410). Se as teorias da leitura, por um lado, têm fornecido motivos para a permanência da literatura em sala de aula, a pesquisadora considera, entretanto, que ela não é viável materialmente, daí registrar ser preciso buscar novas alianças com manifestações da linguagem para que a literatura perca a fragilidade em que se encontra no espaço escolar. Por fim, encerrando

a seção, Paulo Franchetti oferece um depoimento sobre seu percurso como aluno e depois professor pesquisador na área de Literatura para falar sobre uma crise não propriamente da “teoria da literatura”, mas “dos estudos universitários de literatura”. Neste relato sobre a formação acadêmica no Brasil, traz à tona as principais correntes que predominaram na universidade brasileira, como a Estilística, o Estruturalismo, a perspectiva materialista lukacsiana e a crítica desconstrucionista. De suas observações, constata-se que no tempo presente “é notável a perda do lugar central ocupado pela literatura nos estudos das Humanidades, em todos os níveis” (p. 429).

Retornando ao início, na primeira seção da coletânea, intitulada “Fim da Teoria”, os textos “O que aconteceu com a Teoria”, de Fábio Akcelrud Durão (UNICAMP), “Sobre a estranha morte da Teoria (com tê maiúsculo)”, de Sérgio Luiz Prado Bellei (UFMG), e “Os fins da teoria”, de Peter Barry, colocam em cena a tão alardeada crise da Teoria, como os títulos deixam entrever. Para Durão, de fato, os anos heroicos da Teoria – aqui, dissociada do complemento “da literatura” – já se foram, reconhecendo-se que há certo “gosto requentado” de seus termos na aplicação de suas propostas incorporadas às rotinas acadêmicas. O autor argumenta que, todavia, “defender que a teoria morreu ou findou, e com isso propor alguma alternativa, significa permanecer no âmbito da própria teo-

ria” (p. 17). Para Bellei, a propósito, “(...) quando essa morte ocorre, aparentemente para valer, no final do século XX, uma das perguntas razoáveis a respeito dela diz respeito à possibilidade de ser tal morte, pelo menos em parte, promovida por aqueles acadêmicos que viram, de repente, sua esfera de poder e ação reduzida pelo aparecimento daquilo que caracterizariam como um novo “modismo” teórico” (p. 36). Assim, segundo ele, percebe-se que a Teoria resiste ganhando sobrevidas derivadas de diversas forças ideológicas e mercadológicas (p. 45). O texto de Barry fecha a seção, chamando a atenção para o fato de que, em vez de investir energias na reflexão sobre a morte da teoria, seria mais válido pensar na sua funcionalidade, olhar para seus fins. Para tanto, ele afirma que “(...) a teorização opera a partir do princípio de que a teoria não é um fim em si mesma; se colocarmos a palavra ‘literária’ depois de ‘teoria’, isso significa que ela deve nos ajudar a entender melhor como o texto literário funciona” (pp.70-1). De certo modo, ele invoca-nos para a exploração do texto, tendo como meios de leitura a teorização.

Das reflexões sobre a morte ou “fins” da teoria da literatura, a segunda seção, intitulada “Estado da Teoria”, apresenta os textos de autoria de Jonathan Culler, “Teoria literária hoje”; de Marcio Seligmann-Silva (UNICAMP), “Teoria e software: reflexões sobre a divisão de trabalho nas letras ontem e hoje; de Aline Magalhães Pinto (UFMG), “Sem

a imagem, a vida seria impossível: um trajeto sobre a recente produção de Luiz Costa Lima; e “Crise ou drástica mudança? Análise de um caso”, de Luiz Costa Lima (PUC-RJ). Nesta seção, os autores, cada um com suas perspectivas, apontam para os caminhos de abordagem do estético, retomando antigas possibilidades de leitura do literário em consonância aos novos tempos. Não à toa, Culler vê a “atividade teórica muito ativa e extremamente envolvente” (p. 98), referindo-se à teoria literária na contemporaneidade, como modo de reafirmar sua sobrevivência.

Sob o título “Lugares da teoria”, a terceira seção volta seu foco, no conjunto dos ensaios, para lugar da Literatura e do intelectual que dela se vale. Ivete Walty, a propósito, em “Lugares (teoria da) Literatura: desafios”, após recorrer a diversos teóricos da literatura e suas proposições também questiona o lugar da teoria no Brasil para pensar o intelectual latino-americano que se instala num país periférico, sendo “(...) ao mesmo tempo, o eu que fala e o outro de quem se fala” (p. 174). Também nesta seção comparecem os textos de Nabil Araújo, “Da teoria como resposta: a modernidade crítica e o (ter) lugar da teoria literária”, e de Eneida Maria de Souza, “Teorizar é metaforizar”.

Por outro lado, na quarta seção, os textos deixam de discutir diretamente a problemática do fim da teoria literária, para, de certo modo, discorrerem sobre suas aplicações e contribuições no campo da crítica literária. Assim, encon-

tramos no texto de Cechinel, “Rastros Autorais da teoria: o caso *Bartleby*” a exemplo, uma abordagem sobre os rastros autorais a partir da reflexão sobre certo “emprego crítico gramaticalizante e avesso à próprias construções que a princípio lhe servem de base” (p. 230). De igual modo, a recuperar a presença de temas no exercício da crítica literária e suas teorizações, Subirats, em “Kafka, Rulfo, Beckett: retorno ao mito”, o autor exemplifica, a partir do estudo das “dimensões semânticas, simbólicas e mitológicas dos signos” (p. 244), a necessidade de abertura para práticas de leitura que se voltem à “hermenêutica literária, para a criação artística e para a teoria estética” (p. 258). Na mesma perspectiva de reinvenção da crítica, Cristiano Salles, em “Literatura digital, uma experiência possível”, provoca o leitor a pensar sobre a escrita digital do nosso tempo, sob a perspectiva de que “Perceber e reinventar é também uma forma de lidar com a crise de maneira a resignificar, dar um sentido, recriar os fenômenos nos quais estamos implicados” (p. 265). Daí a relevância de se pensar sobre uma teoria para o objeto literário digital como campo de investigação a ser constituído.

A quinta seção, “Poesia, corpo, psicanálise”, de modo semelhante, também se debruça sobre o fazer da crítica literária, pois os textos “A identidade da poesia e as teorias do poético, de Maria da Glória Bordini, “Algumas questões sobre corpo e literatura”, de Alckmar Luiz dos Santos, “Algumas questões

sobre a voz e(m) performance na Literatura, de Dalva de Souza Lobo”, e “Literatura e psicanálise: escrita e teoria como práticas da destituição, de Flávia Trocoli, permitem a discussão sobre as diversas teorias sobre o discurso poético ao longo do tempo e na contemporaneidade; sobre “conceitos e categorias da teoria e da crítica literárias a partir da experiência do corpo de quem lê, vê e ouve, e de quem escreve, conforme assinala Alckmar; sobre a poética da oralidade e sua performance; e, por fim, Trocoli expõe diversos aspectos sobre “(...) certas leituras da psicanálise na construção de arcabouço teórico da crítica literária” (p. 355).

Como se buscou demonstrar, a obra, extensa em número de páginas e intensa em discussão, oferece aos interessados na área, tanto para o público brasileiro quanto o de outros países, possibilidades de encontrar algumas respostas às várias perguntas que pairam na contemporaneidade sobre o lugar ou lugares da Teoria da Literatura. É, portanto, boa fonte de leitura no âmbito do *corpus* de referências que compõe certo domínio dos estudos sobre Literatura, sendo o horizonte de sua recepção bastante amplo pelos temas apresentados e suas problematizações, aspecto que garante a atenção dos leitores.

Vanderléia da Silva Oliveira